

Moçambique-África do Sul

Acordo abre perspectivas de paz

Tempo (700) 11/3/84

Texto de Alves Gomes ● Fotos de Kok Nam



Um Acordo de Boa Vizinhança e Não-Agressão entre a República Popular de Moçambique e a África do Sul foi virtualmente alcançado no passado sábado, quando delegações ministeriais dos dois países terminaram as conversações iniciadas em Dezembro de 1982. Um comunicado emitido no final do encontro na cidade do Cabo dava conta do sucesso alcançado, deixando a entender que em breve será assinado o Acordo.

Apoiado pelo Conselho de Ministros da OUA e aprovado já esta semana pelo Conselho de Mi-

nistros de Moçambique, este acordo tem como base a aceitação de que nenhum dos dois países le-

vará a cabo actos de violência contra o outro, nem permitirá que terceiras partes utilizem os seus territórios como plataformas de agressão.

Para além de referir este aspecto, o Comunicado emitido no passado sábado na cidade do Cabo, indica que uma Comissão será constituída com o fim de verificar o cumprimento dos termos do Acordo. Em afirmações que nos foram feitas disseram-nos que esta Comissão é permanente devendo apenas funcionar sempre que um dos lados, ou ambos, o achem necessário.

Celebrado pelo Presidente Samora Machel, com os membros que compunham a delegação moçambicana, como uma vitória para o nosso país e para a região, este Acordo cria, a curto prazo, perspectivas para que se possam neutralizar as origens da instabilidade que se agravou na África Austral em resultado da política agressiva do regime de Pretória.

Embora inicialmente os sul-afRICANOS tivessem dado a entender que o bom andamento das conversações dependeria de uma retirada total do apoio diplomático de Moçambique ao ANC, tal questão acabou por ser excluída do texto final do Acordo a assinar em breve.

Os argumentos moçambicanos sobre o seu apoio político, diplomático e moral ao ANC, encontraram à partida «a melhor compreensão das potências ocidentais, que sempre aceitaram não haver em Moçambique quaisquer sinais de bases desta organização», conforme nos disse um diplomata. Ao mesmo tempo, e segundo enviados ocidentais contactados pelos sul-afRICANOS, «o lado moçambicano teve enorme cuidado em nunca permitir que a questão ANC se transformasse em ponto de negociação».

Sob algumas pressões internacionais, nomeadamente no recente caso da libertação dos técnicos soviéticos raptados em Morruea, os sul-afRICANOS foram entretanto levados a admitir que administravam, financiavam e treinavam os bandidos armados que operam no

interior de Moçambique. O Ministro dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha admitiu-o, segundo soubeemos, primeiramente nas conversações de Mbabane e, depois, quando publicamente afirmou ter havido contactos entre o seu governo e o soviético para que os técnicos fossem libertados.

A perspectiva de o Acordo entre Moçambique e a África do Sul, poder completar a iniciativa americana relativamente à Namíbia e a Angola, levou igualmente a que os Estados Unidos seguissem de perto o evoluir destas conversações. Com efeito e conforme nos afirmou uma fonte próxima dos americanos, Chester Crocker esteve sempre em contacto com o Primeiro-Ministro sul-afRICANO durante os diferentes encontros havidos.

O receio americano de que a iniciativa do Presidente Samora Machel em manter contactos directos com a África do Sul sem o envolvimento de intermediários — Frank Wisner tinha-se oferecido para o fazer em Dezembro de 1982, quando já estava marcado o primeiro encontro ministerial —, pudesse ser posto em causa por «fracções do poder político na África do Sul, «aliviou-se a partir do encontro de 20 de Janeiro, quando o Chefe do Estado (moçambicano) recebeu Botha, Malan e Le Grange», como nos disse um elemento que seguiu de perto estas conversações.

A ampla e franca conversa mantida em Maputo entre o Presidente Samora Machel e os minis-

tros sul-afRICANOS foi descrita por estes, em contactos com diplomatas ocidentais na África do Sul como «ponto de viragem sem retorno» para que os dois Estados pudessem chegar à assinatura do Acordo.

Este factor, aliado à contribuição prestada pelo estadista moçambicano na procura de uma solução para o conflito entre a África do Sul e Angola e ao sucesso alcançado na sua visita a alguns países da Europa Ocidental, permitiram criar-se uma atmosfera de confiança para o bom sucesso das conversações.

A posição ofensiva de Moçambique em continuamente reiterar a necessidade da coexistência para se estabelecer a paz, sem contudo deixar de afirmar a sua oposição ao «apartheid» e aos bantustões e o seu apoio moral, político e diplomático ao ANC, também garantiram que o ambiente interno e externo ao diálogo estabelecido, lhe fosse favorável.

Por seu lado e como complemento ao seu isolamento internacional — agravado pelas sanções económicas americanas —, a África do Sul teve de negociar numa base em que não podia contar com a solidariedade ocidental. O facto de após as negociações de Maio passado o seu exército ter realizado um novo ataque à Matola e de se ter provado as origens do avião-espião, levou os seus potenciais aliados a aceitar que era Pretória quem detinha a iniciativa das agressões.

Deste modo e à mesa das con-

versações, conjugaram-se os interesses da necessidade, sempre defendida por Moçambique, de se criar um clima de paz e estabilidade na região, contra a posição já enfraquecida — pela realidade militar e económica que a África do Sul também vive —, dos que promoviam a política de agressão.

A conclusão das conversações ministeriais na cidade do Cabo, constitui, deste modo, uma «vitória para a política socialista de paz» da República Popular de Moçambique e, pelos seus termos, uma garantia de que uma nova dinâmica se está a gerar para que o «apartheid» fique confinado às suas fronteiras.

Sinal evidente disto são as mais recentes declarações de políticos, homens de negócio e analistas sul-africanos, que vêem neste Acordo uma «ótima oportunidade para o regime de olhar para dentro e o mais rapidamente possível ir para frente com as prometidas reformas contra a discriminação racial».

A leitura das reacções havidas na África do Sul sobre este Acor-



Jacinto Veloso e «Pik» Botha no anúncio sobre o acordo conseguido nas conversações entre Moçambique e a África do Sul

do indica também que o regime que até aqui vivia segundo a estratégia de «como destruir Moçambique» terá agora de pensar em como agir para «conviver com

Moçambique», procurando encontrar soluções para os problemas que ficarão, dentro de dias, limitados às suas próprias fronteiras.

□